



Hip-hop e formação sociopolítica e cultural: reflexões a partir de um estudo com um jovem rapper da cena de Natal/RN

Comunicação

Ana Clara da Silva Ponciano
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
claraponciano9@gmail.com

Mário André Wanderley Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
mario.andre@ufrn.br

Resumo: Com vistas a refletir sobre o caráter e potência formativa do hip-hop, nesta comunicação são apresentados resultados de um estudo realizado com um jovem rapper atuante na cena de Natal/RN. O texto é derivado de um trabalho de conclusão de curso (TCC) de Licenciatura em Música que configurou-se como um estudo de caso, com uso de entrevista semiestruturada como técnica de produção de dados. Os resultados indicam que o envolvimento do colaborador com o hip-hop tem forte impacto em sua formação sociopolítica e cultural, o que fica evidenciado em sua formação musical que transcende a instrumentalização técnica, abarcando visão de mundo crítico-analítica, alinhada a pautas anti-opressão e à justiça social.

Palavras-chave: Hip-hop; Rap; Formação sociopolítica e cultural.

Introdução

Este trabalho apresenta resultados de um estudo sobre juventudes periféricas a partir de suas relações com o movimento artístico-cultural do hip-hop. Consiste em um Trabalho de Conclusão de Curso que tomou como objeto de estudo o caso de um jovem negro da cena hip-hop natalense, morador do bairro Bom Pastor, na zona oeste de Natal-RN, a fim de compreender o papel da música no processo de construção de sua identidade sociopolítica e cultural.

A temática das juventudes mobiliza importantes discussões na atualidade, pois são estes jovens que enfrentam os inúmeros desafios postos na sociedade, que permeiam suas trajetórias de vida, dentro de seus múltiplos contextos. Apesar de constantemente ser compreendida como um grupo homogêneo, somente o termo “juventudes”, escrito no plural, dá conta de manifestar sua natureza múltipla nos modos de ser e estar no mundo.



A condição juvenil pode ser atravessada por muitas questões, sendo estas sociais, econômicas, identitárias, raciais, de gênero e sexualidade, dentre outras tantas. Assim, as juventudes periféricas - recorte deste estudo - carregam particularidades em suas vivências que também envolvem esses marcadores sociais, atrelados ao cotidiano dentro das comunidades.

A literatura de distintas áreas contribui com a discussão sobre juventudes, como a Educação, Ciências Sociais, Antropologia, Psicologia, etc. No que concerne à Educação Musical, essa temática aparece nos estudos sobre aprendizagem musical de jovens, no ensino voltado à juventude, bem como sobre práticas pedagógico-musicais diversas em que jovens estão envolvidos. Também têm destaque ensaios sobre o jovem e sua relação com música na contemporaneidade, contemplando aspectos como gostos, preferências, funções e participação da música na constituição de identidades juvenis.

Revisão de literatura

O conceito de “juventudes” não se delimita a um significado único. Requer um debate mais amplo, que movimentava distintas áreas do conhecimento que se propõe a pensar esse grupo de modo plural. José Machado Pais (1990) considera a juventude como uma categoria não se estabelece somente a partir das similaridades de um grupo, mas também a partir de suas diferenças. Nessa perspectiva, cabe refletir sobre como os diferentes grupos e setores em que as juventudes se inserem na contemporaneidade dão base empírica para a construção desse conceito. O autor, refletindo sobre essa questão, elenca como “Os Paradoxos da Juventude” as ações dessas diferentes culturas juvenis, que orientam os gostos, comportamentos, crenças, perspectivas do futuro etc. (MACHADO PAIS, 1990, p. 140-141).

Esteves e Abramovay (2008) corroboram essa perspectiva com a noção de que as juventudes são formadas por distintos grupos, que constituem um “conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades” (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2008, p. 21). Para Souza e Paiva, trata-se “de uma categoria em permanente construção social e histórica” (SOUZA, PAIVA, 2012, p. 353-354) e Groppo (2004), em complemento, defende que “é preciso correlacionar a juventude com outras categorias



sociais, como classe social, nacionalidade, região, etnia, gênero, religião, condição urbana ou rural, momento histórico, grau de ‘desenvolvimento’ econômico etc.” (GROPPO, 2004, p. 12).

Assim, o debate de base empírica e teórica acerca da questão juvenil vem caminhando para um ponto chave nesta discussão contemporânea: as múltiplas formas de ser jovem. A Educação Musical tem se nutrido desse debate e também buscado contribuir com essa discussão a partir do trabalho de alguns autores e autoras. Em que pese haja tais contribuições, ainda há a necessidade de aprofundamento teórico na área.

A discussão conceitual sobre o que é juventude, ou juventudes, na área de música também se ancora da pluralidade deste grupo para entendê-lo. Para Pereira (2021) “a juventude não se constitui por uma identidade universal própria” (PEREIRA, 2021, p. 69). Souza e Freitas (2014) discutem que os modos de ser e viver dos jovens “são práticas construídas socialmente e relativas ao tempo e cenário históricos nos quais acontecem” (SOUZA; FREITAS, 2014, p. 59).

Contudo, não basta delinear o que é ser jovem, se não forem considerados os processos que envolvem as juventudes. A construção e reconhecimento de uma identidade perpassa alguns movimentos, como gostar ou não gostar e das similitudes compartilhadas (SOUZA; FREITAS, 2014, p. 72), que permitem a formação de grupos identitários. No caso da música, isso se reflete por meio do gosto musical, que se relaciona com o estilo de roupa, cabelo, dialeto, etc. As diferentes maneiras de ser e estar dentro da sociedade também se conectam com as identidades e permitem que os jovens vivenciem uma “pluralidade de trajetórias individuais e sociais, que não são nem universais e nem padronizadas” (SOUZA; FREITAS, 2014, p. 64).

Essas identidades não podem ser discutidas sem um recorte de fatores sociais que estão ligados às vivências dos diferentes jovens, como “geração, gênero, raça e classe social” (SOUZA; FREITAS, 2014, p. 60). Isso porque, para entender a realidade das juventudes contemporâneas, é preciso que sejam considerados os seus locais de fala, de onde elas vêm, o que elas trazem. Os jovens das periferias possuem um perfil diferente de outros com condições mais favorecidas economicamente, tendo em vista que a luta por oportunidades e acesso a direitos básicos se faz presente em seus cotidianos, bem como os marcadores sociais



e preconceitos sistêmicos se voltam contra essa categoria, que sente mais do que outros perfis de jovem.

Então, esses jovens, com seus direitos e plenitude de vida violados, assumem uma luta a fim de “superar o silenciamento e o ensurdecimento, socialmente determinados, de suas vozes, de suas estéticas, de suas histórias, memórias e realidades cotidianas: por uma nova ideia de estética periférica” (CARRENHO, 2019, p. 68).

Dentro dessa perspectiva, o movimento hip-hop torna-se um espaço que dá voz a essa população, marginalizada e violada de seus direitos. Oriundo dos guetos e vielas, o hip-hop representa a cultura das ruas, do povo preto, pobre e das periferias. Fala do cotidiano dessa população com a máxima: a defesa do território, surgindo dentro da perspectiva do direito à cidade.

Segundo Gonçalves (2013), o movimento se apoia na crítica social. “A cultura hip-hop teve como elemento condutor os questionamentos sobre as desigualdades sociais que assolavam uma grande parcela da população negra que vivia em uma condição de pobreza material e exclusão social” (GONÇALVES, 2013, p. 66).

No Brasil, o movimento se propagou com o mesmo caráter, representando a população marginalizada. Para Souza; Fialho e Araldi (2008): “O *hip-hop* tem sua filosofia própria, com valores construídos pela condição das experiências vividas nas periferias de muitas cidades” (SOUZA; FIALHO; ARALDI, 2008, p. 13). E assim como nos Estados Unidos, dentro do contexto brasileiro, ele também fomentou o surgimento de jovens artistas que buscavam um espaço que lhes representasse, dentro da possibilidade de torná-los artistas e produtores, “não tendo como pré-requisito a utilização de instrumentos musicais [...]” (DAYRELL, 2002, p. 126).

A poética do hip-hop traz consigo uma alta capacidade de análise social e crítica, bem como uma riqueza em suas batidas e a oratória dos rappers, que não são valorizados no âmbito da música e na sociedade, e refletem como alguns padrões e estéticas musicais são mais aceitos do que outros, principalmente quando essa arte é feita por pretos, pobres e periféricos. Os Racionais MC’s desafiaram essa ótica e mudaram os rumos do hip-hop brasileiro. “Ninguém esperava esse impacto generalizado, sobretudo vindo de um grupo que se opunha frontalmente ao jogo da indústria fonográfica” (OLIVEIRA, 2017, p. 115-116).



Toda essa influência impulsionou que muitos jovens da periferia se identificassem com as letras do rap e nesse processo, reconhecessem a importância de suas comunidades. Para os jovens rappers, o hip-hop possibilita um espaço de desabafo, por meio da criação, e acolhe as narrativas presentes na poética de cada um. Assim, o movimento hip-hop até hoje vem contribuindo para a formação das juventudes periféricas e de suas identidades, pois atua envolvendo todos os âmbitos, cultural, crítico-social e político, sendo um agente transformador de histórias de vida.

Metodologia

Este estudo aborda as contribuições do movimento hip-hop para a formação sociopolítica de um jovem negro da periferia. Teve abordagem qualitativa e como método o estudo de caso, que “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]” (GIL, 2007, p. 54). A escolha do método se deu pela sua dimensão interpretativa e de “forte tendência descritiva” (FONSECA, 2002, p. 34), a fim de bem compreender as vivências do colaborador deste estudo e sua relação com aspectos da formação sociopolítica e cultural, bem como o processo de análise do campo de atuação.

Como técnica de coleta, se utilizou da entrevista semiestruturada para compreender a trajetória do participante deste estudo, assim como pela sua capacidade de maior direcionamento às questões trazidas, com o intuito de que o entrevistado se mantivesse centrado na temática da entrevista. Triviños (1987) conceitua que essa técnica parte de questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa. Nas entrevistas semiestruturadas pode haver o surgimento de novas questões, “fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Foi elaborado um roteiro contendo dez questões, elaboradas, de modo a compreender as vivências do colaborador e com o direcionamento à temática e objetivo do estudo. As perguntas tinham como base estes tópicos: a relação com o movimento hip-hop; a importância do hip-hop; o papel da música dentro do movimento e para as juventudes; a influência do hip-hop dentro da comunidade/periferia e a relação do entrevistado com seu



local de moradia; a função sociopolítica do hip-hop e os seus desafios atualmente; e finalizando, o que seria do colaborador sem o hip-hop.

No processo de coleta do material empírico, foram adotadas algumas medidas. A entrevista teve sua gravação em áudio, uma vez que o registro da fala do participante já era o necessário para compreensão de seu relato. A permissão para gravação foi solicitada ao colaborador, bem como a utilização de seus direitos patrimoniais, por meio do documento formal do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

O anonimato do entrevistado foi assegurado neste estudo, considerando algumas questões, como por exemplo a segurança do colaborador, como explica Rocha (2021) que tal cuidado se deve “ao risco que uma dada pesquisa pode gerar aos(às) seus(suas) participantes” (ROCHA, 2021, p. 6). Além disso, pensou-se em propiciar um espaço confortável para que o participante se sentisse à vontade para compartilhar o seu relato, pois como comentam Boni e Quaresma (2005), há casos que “por parte do entrevistado há insegurança em relação ao seu anonimato e por causa disto muitas vezes o entrevistado retém informações importantes” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 76).

Assim, garantido o seu anonimato, foi escolhido um pseudônimo para o colaborador, que neste estudo foi chamado de KL.

Resultados e Discussão

O colaborador do estudo realizado foi um jovem negro de 17 anos de idade, morador do bairro Bom Pastor, periferia localizada na zona oeste de Natal-RN. Conheceu o hip-hop por meio da Batalha da Esperança, situada no bairro de Cidade da Esperança, vizinho ao seu e atua no movimento há cerca de 2 anos, quando passou a escrever suas letras. Hoje é um dos organizadores da batalha da esperança. Estuda em uma escola da rede pública de ensino localizada também no Bom Pastor, onde cursa o 1º ano do ensino médio e atualmente foi recém-eleito presidente do grêmio estudante. Trabalha durante meio período, como jovem aprendiz na CBTU - Companhia Brasileira de Trens Urbanos.

As vivências relatadas por KL apontam para a importância que o movimento hip-hop teve em sua formação pessoal e cultural, pois, na condição de jovem periférico, as oportunidades de acesso à serviços de qualidade são poucas e seu cotidiano é envolto pelos



desafios enquanto jovem, negro e pobre, lutando contra os preconceitos enraizados e o silenciamento da sua voz.

Seu relato diz muito sobre a sua relação com a comunidade em que vive e a importância dela para quem ele é. Então, há um forte sentimento de pertencimento e defesa do seu território. Ele também externou o seu desejo em se profissionalizar através do hip-hop e consolidar o seu nome na cena e fala de como produtores e artistas lidam com o movimento no espaço cultural da cidade. Entretanto, nesta comunicação, será destacada a contribuição que o movimento hip-hop teve na trajetória de KL, sobretudo no processo de sua formação sociocultural e política.

O hip-hop para KL, surgiu como um espaço de acolhimento de suas inquietações e permitiu que ele pudesse, por meio da escrita, desabafar o que sentia. Esse sentimento é acompanhado, do que ele descreveu como obscuro, que se distancia de como ele se porta no dia a dia, nos seus espaços de convivência - trabalho e escola. Pois, por meio do rap, KL pode externar e apresentar uma outra visão de quem ele é. "Já nas rodas de rima, nos shows, na música, eu vou para... eu aparento ser mais agressivo do que eu sou" (KL, 2022).

A sua trajetória começa quando passa a frequentar a Batalha da Esperança, entre 2017 e 2018, e a rotina de acompanhar as rodas de rima foi integrando KL ao espaço, que hoje compõe a equipe organizadora. Ele passou a escrever suas letras em 2020, com o desejo de expressar o que sentia. Hoje, considera Batalha como uma mãe para ele no hip-hop.

KL citou que o hip-hop foi mudando a sua visão sobre o mundo e que isso influenciou em suas letras de rap

Hoje eu tenho um lado mais profissional do que quando iniciei. Logo de início eu não queria ligar muito pro que eu falava e... como eu me dirigia pra certos assuntos [em suas letras]. Agora passou uma letra, penso bastante de como isso pode afetar em outro lugar e outras pessoas. É tanto que a gente tá gravando um EP agora, e a gente está sempre querendo levar o lado mais politizado para isso, porque, querendo ou não, o mundo precisa saber da política [...] (KL, 2022).

Quando perguntado sobre a importância do movimento em sua trajetória, KL respondeu: "o hip hop me salvou do trilha e da rua, do perigo da rua, do que é a rua que tá ali



na periferia também né?” (KL, 2022). Sua fala evidencia os problemas que as periferias enfrentam, em que os “perigos” estão relacionados com as drogas, a violência, o crime e até mesmo as ações truculentas da polícia dentro das comunidades.

KL destacou a importância da cultura dentro das periferias e da sua influência para a formação de jovens. Para ele: “a música é cultura para a periferia” (KL, 2022). E por meio da música que ele e seus colegas fazem, reconheceu o quanto ela importa para dentro da sua comunidade. Mas refletiu que falta fomento à cultura em seu bairro, principalmente na valorização do movimento hip-hop: “Tinha aquele pessoal que ia para ver a cultura, para apreciar e para dançar. Só que agora não tem mais isso” (KL, 2022).

Quando perguntado se o hip-hop é reconhecido dentro do Bom Pastor, KL respondeu:

Não. Infelizmente, o hip hop não é reconhecido, embora tenha aqueles artistas daqui. Mas se você perguntar, acredito que vão saber mais quem canta outros ritmos, como... esses batidão que estão em bailes, e vão saber quem são esses caras, todos que moram não bairro vão saber. Mas se perguntar “e quem canta rap aqui? Você sabe?” No máximo vai falar o nome de uma pessoa porque é amigo, E se for aqui, porque muito... Tem muitos artistas que moram por aqui. Só na minha rua tem eu e mais três ou quatro por aí. Mas pra baixo tem mais cinco e assim vai. Então são grupos e solos que moram aqui, que não são reconhecidos, que precisam ir pra outros bairros para ter a oportunidade de cantar e viver de hip hop, de rap (KL, 2022).

Sobre a relação do movimento hip-hop com a sua construção sociopolítica e cultural, KL respondeu que há uma relação indissociável de ambos, pois, “no hip-hop eu posso expressar meu lado político” (KL, 2022). O rap tem o potencial de trazer questões fundamentais em suas letras, que retratam a realidade vivida dentro das periferias, para as juventudes e outros grupos à margem da sociedade.

O hip-hop permitiu que KL pudesse se expressar com liberdade e abordando importantes questões, como ele relatou: “Eu acho que não só eu, como outros artistas também aproveitam o espaço que tem no rap, o livre arbítrio de usar aquelas letras para dizer o que realmente está acontecendo” (KL, 2022).

Gonçalves (2013) classifica como “rap engajado”, o compromisso que o movimento hip-hop assume ao tomar posição ativa sobre determinadas questões, ainda que isso esteja



no cerne desta manifestação. A autora corrobora com o fala de KL acima sobre o espaço que hip-hop permite aos rappers, pois

Eles descobriram nesse estilo musical e estético um modo inventivo para expressar e disseminar suas ideias e sentimentos: na escrita rap são percebidos mais facilmente a apropriação dos elementos da cultura local. A crítica e denúncia social é o elemento ‘condutor’ do ‘movimento hip-hop’ que, para além da produção artística e cultural, ele é comprometido com o engajamento ‘político’. Essa dimensão crítica, de engajamento e de ativismo social é um traço marcante do ‘movimento hip-hop’ [...] (GONÇALVES, 2013, p. 135).

Dessa maneira, as juventudes periféricas podem encontrar no rap um espaço para abordar e, principalmente, aprender sobre questões relevantes na atualidade. KL falou que, por meio do hip-hop, pôde se conscientizar sobre suas atitudes, como se portar e lidar com diferentes situações. Como por exemplo, ele relatou que, ao deparar com o machismo:

[..] querendo ou não, todo homem tem um lado machista da criação. Então, o hip hop me fez ver isso também porque comecei a acompanhar várias coisas e ver que boa parte do que eu fazia quando era menor, quando era criança que ainda não tem muita consciência do que fala, estava errado, que poderia afetar futuramente uma pessoa com problemas de pensamentos ruins, essas coisas. Então, eu acho que sobre isso o hip-hop também liberta você do pensamento, do eixo central do mundo, que você tem que fazer isso porque você é homem, que você só pode fazer isso por que você é mulher... (KL, 2022).

O final da sua fala evidenciou o quanto o hip-hop pode influenciar na formação integral do jovem, lhe apresentando não somente a arte do movimento, mas tudo o que carrega de crítica social, cidadania e outros tantos aspectos relevantes para a construção humana do indivíduo. Quando perguntado o que seria da sua vida sem o hip-hop, KL relatou: “acho que eu estaria num estado vegetativo bem grande, se eu não tivesse o hip-hop minha vida” (KL, 2022).

Compreendeu-se a influência do movimento hip-hop na trajetória deste jovem, colaborador do estudo, condizente à sua construção social, a formação sociopolítica e cultural dele. Assim, a arte engajada pode propiciar ao jovem um outro caminho, em que ele possa ter a liberdade de contestar, de denunciar, de expressar o que sente, suas indignações, etc.



Relatos como o de KL foram exemplos dessa transformação que o hip-hop traz para inúmeras trajetórias de jovens das periferias de grandes centros urbanos do país.

Considerações finais

Nesta comunicação foram apresentados resultados de um estudo sobre juventude e periferia a partir de suas relações com o hip-hop. O texto derivou-se de um Trabalho de Conclusão de Curso que tomou como objeto de estudo o caso de um jovem da cena hip-hop natalense, com vistas a compreender o papel da música no processo de construção de sua identidade sociopolítica e cultural. Para tanto, no trabalho, foi adotado como método o estudo de caso e, como técnica de produção de dados, a entrevista semiestruturada.

Os resultados indicam que o envolvimento do colaborador com o hip-hop tem forte impacto em sua formação sociopolítica e cultural, o que fica evidenciado em sua formação musical, que transcende a instrumentalização técnica, abarcando uma visão de mundo crítico-analítica, alinhada a pautas anti-opressão e à justiça social. Com a vivência relatada por KL durante a entrevista, foi possível compreender que, para as juventudes das periferias dos grandes centros urbanos, a música cumpre um papel transformador de suas trajetórias.

O hip-hop oportuniza um espaço crítico e reflexivo para os jovens das periferias, que, muitas vezes, se veem diante de uma condição que não lhes permite sonhar. Por meio deste estudo, se percebeu a relevância do movimento para a trajetória das juventudes, ultrapassando um lugar que, por vezes, não é fomentado por outros espaços culturais.

Portanto, é imprescindível avançar na discussão sobre outros contextos de formação em música que pouco são mencionados, efetivamente, pela literatura, sobretudo, se quando se depara com a necessidade de avanço nas discussões sobre juventudes e periferias na educação musical, na medida que muitas outras questões se incorporam na área.

É esperado, assim, que este trabalho contribua, em alguma medida, com a produção de conhecimento sobre hip-hop no campo musical, bem como no âmbito de políticas que contemplem esse forte movimento artístico e sociopolítico no ensino de música.



Referências

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/download/18027/16976/56348>. Acesso em: 22/05/2022.

CARRENHO, Aline Costa. *Arte, educação musical e formação cultural no contexto das organizações sociais: a práxis cultural e suas contradições à luz da Teoria Crítica*. 2019. 239 f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-graduação em Neurociências e Comportamento) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun. São Paulo, 2002.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In. VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 254, 2008, Lisboa. *Anais...* Lisboa, 2008. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/254.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GONÇALVES, Julimar da Silva. *Poéticas do rap engajado e juventudes nas periferias urbanas de Natal-RN*. 2013. 200 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Natal, 2013.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Educação Cogeime*, Belo Horizonte, ano 13, n. 25, 2004. Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/revista/cap0125.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

MACHADO PAIS, José. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social*, Lisboa, v. 15, p. 105-106, 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

OLIVEIRA, A. “Quanto vale o show?”: Racionais MC’s e os dilemas do rap brasileiro contemporâneo. *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 5, v. 1, p. 113-37, jul.-dez. 2017. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/muspop/article/view/13128>. Acesso em: 26 de maio de 2022.



PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros Pereira. Ouvir os sons da(s) juventude(s). NASCIMENTO, Marco Antonio Toledo; STERVINO, Adeline Annelyse Marie. In: *Educação musical e juventude(s) na contemporaneidade*. Sobral: Sobral Gráfica e Editora, 2021. p. 65-86.

ROCHA, Virginia. Da teoria à análise: Uma introdução ao uso de entrevistas individuais semiestruturadas na ciência política. *Revista Política Hoje*, abr. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/politica hoje/article/view/247229>>. Acesso em: 22 maio de 2022.

SOUZA, Cândida de; PAIVA, Ilana Lemos de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. *Estudos de Psicologia*, 17(3), set-dez, 2012.

SOUZA, J.; FIALHO, V.M.; ARALDI, J. *Hip-hop: da rua para a escola*. Porto Alegre: Sulina, 3 ed. 2008.

SOUZA, Jusamara; FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Práticas musicais de jovens e vida cotidiana: socialização e identidades em movimento. *Música em Perspectiva*. Curitiba/PR, v. 7 n.1, junho de 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/mp.v7i1.38133> . Acesso em: 24 abr. 2022.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.